

## Alcoolismo na fala do povo: análise qualitativa dos discursos populares

Vera Oliveira<sup>1</sup>

### Resumo:

Objetivou-se com este trabalho descrever a pesquisa desenvolvida ao longo de 2 anos, numa comunidade de baixa renda.

Utilizou-se como metodologia a análise qualitativa dos discursos populares, abordando o fenômeno do alcoolismo no que diz respeito ao conceito, etiologia, auto-imagem, classe social e sistemas alternativos de cura. Nesse trabalho, priorizamos, enfocar, dentre as temáticas estudadas, o conceito e a etiologia.

Através dessa pesquisa, pretendeu-se aprofundar o fenômeno do alcoolismo na vivência dos chamados “cidadões de 3.<sup>a</sup> classe”, o alcoolismo do pobre urbano na peculiaridade do seu contexto socio-econômico e cultural. Confrontaram-se também as duas ordens de saberes: científico e popular, até onde se entrelaçam, até onde se diferenciam. Pretende-se também oferecer subsídios para implantação de programas de prevenção.

**Palavras-chave:** alcoolismo, saber científico, saber popular, prevenção.

### Abstract:

The objective of this paper is to describe the research undertaken over two years in a low-income community. The methodology used was the qualitative analysis of unsophisticated discourse, related to the phenomenon of alcoholism linked to concept, ethiology, self-image, social class, and alternative systems of treatment. Among other themes, the priority of this paper was focused on

<sup>1</sup> *Prof.<sup>a</sup> adjunta e supervisora de estágio do Departamento de Psicologia da UNICAP, Mestrado em Antropologia na UFPE. Trabalho apresentado X Congresso Brasileiro de Estudo do Alcool e Outras Drogas – Curitiba/PR.*

concept and ethiology. The aim was to study alcoholism thoroughly in the daily life of so called “third class citizens”, the alcoholism of the urban poor within the social, economical, and cultural context. Scientific and everyday discourses were compared with a view to finding similarities and differences. Another goal of this paper is to offer supplementary information for the implementation of preventive programs.

**Key words:** Alcoholism - scientific knowledge - unsophisticated knowledge - prevention.

**O** uso das substâncias psicoativas se constitui um dos problemas relevantes da contemporaneidade. Faz-se presente em todas as classes sociais, constituindo-se uma das grandes preocupações dos profissionais de saúde mental.

As classes populares têm uma forma singular de compreender o conceito e etiologia do alcoolismo, evidenciando um saber popular que apresenta pontos de convergência e divergência com o saber científico. Compreender essa forma de conhecimento oriunda da experiência cotidiana de uma população pobre, pode constituir-se um valioso instrumento para implantação de programas preventivos voltados para populações desfavorecidas.

A compreensão dinâmica do fenômeno do alcoolismo nas classes populares nos foi possível através de um trabalho de mais de 2 anos desenvolvido na comunidade de Milagres – Olinda, PE.

Iniciamos o trabalho em Milagres, no momento em que as lideranças populares viviam todo um processo de organização do Conselho de Moradores. Foi uma experiência que nos abriu espaço para um entendimento mais totalizante da vivência cotidiana dos seus moradores.

Partilhando desse processo, entramos em contato também com toda a rede de relações



interpessoais que se estabelecia entre os grupos naturais existentes. Ao trazermos a questão do alcoolismo para discussão, já tínhamos um conhecimento prévio de alguns aspectos que caracterizavam as relações interpessoais existentes na área. Essa vivência foi facilitadora no sentido de ter criado entre nós e a comunidade um clima de confiança e credibilidade que nos permitiu abordar, de forma aberta e franca, a questão do alcoolismo.

A partir de todas essas experiências em que, como observadores participantes, sentíamos-nos num duplo movimento - ao mesmo tempo, partilhávamos das vivências da comunidade exercendo, em algumas situações, atividades educativas e de coordenação -, podíamos olhar a distância, apreendendo os múltiplos processos de grupo; e, com relação ao fenômeno do alcoolismo, compreendê-lo no seio de cada família, nas relações de vizinhança e na percepção da comunidade como um todo.

Com base nessas vivências, elaboramos um questionário aberto cujas questões abordavam alguns pontos que nos haviam chamado atenção no convívio com o grupo. Essas questões se relacionavam com o conceito, etiologia, classe social, auto-imagem e sistemas alternativos de cura. Através de entrevistas semidirigidas, que eram gravadas e tinham a duração média de 02 horas, aplicamos doze questionários da área de Milagres. Seis foram aplicados a indivíduos com problemas de uso abusivo de álcool, identificados pela comunidade, e o restante ao grupo dos não-alcoolistas, escolhidos intencionalmente, em função do grau de comunicabilidade, clareza e fluência com que expressavam suas idéias. Fizemos uma análise qualitativa dos discursos desses informantes, levando em conta o conteúdo manifesto e latente dos mesmos.

Para escutarmos a fala do povo, do José, da Maria, da Joana, que, em cada discurso feito, fazia povoarem nossos pensamentos muitas dúvidas e indagações, dispomos-nos a uma compreensão ampla de toda a cultura popular, ora ausente e negada, ora resgatada como fonte de um saber

“próprio”, passível de valorização e reconhecimento.

Para escutar essa fala, iniciamos nosso trabalho de campo, ouvindo as pessoas em conversas informais. Nossos principais informantes se misturavam: havia pessoas que desempenhavam um papel de liderança na comunidade e outras que se resguardavam no anonimato de quem se dá a conhecer nas quatro paredes de sua casa. Nas entrevistas semidirigidas realizadas no espaço da barraca de D. Maria (Presidente do Conselho de Moradores), aconteciam muitos desses contatos. Muitas vezes a privacidade da casa se constituía um momento de intercâmbio e troca bastante enriquecedora, pois a dinâmica da família podia ser simultaneamente apreendida.

Analisamos a fala do povo, abordando várias questões importantes para o entendimento do fenômeno do alcoolismo e sua ampla repercussão social. Nesse trabalho, priorizamos, dentre as temáticas estudadas, enfocar a compreensão do conceito e etiologia. No discurso do povo, essas duas questões se misturam. Conceito e etiologia se transformam freqüentemente num mesmo referencial.

Inicialmente traremos a fala dos alcoolistas entrevistados, que foram identificados pela comunidade como pessoas que fazem uso abusivo do álcool, causando problemas à família e à comunidade quando “embriagados”. Respondendo às perguntas “O que é Alcoolismo?” e “O que torna uma pessoa alcoolista?”, obtivemos os seguintes depoimentos:

José, 38 anos, casado, garçom, foi identificado pelos familiares como tendo sérios problemas com o uso de álcool. Pela profissão, está em contato direto com situações que estimulam o seu beber. Vejamos o que ele nos diz em seu discurso:

“Alcoolista é aquela pessoa que fica habituada só na bebida. Se não tiver a bebida, não tem nada controlado. No meu ponto de vista, isto é a pessoa que não se domina, que não se dedica a outra coisa. A incentivação dele tem que ser na bebida. Cada

vez que você está bebendo, você perde a noção de alguma coisa, você está fora de si, está dominado por alguém que está lhe dominando. Eu não sei o que é, não sei se é o tal do alcoolismo. Ou é o cara que perde a mente pessoal... se eu vou beber, se eu vou tomar duas cervejas, tomo vinte; não consigo parar, só paro quando mato minha vontade, até ficar bêbado... As pessoas bebem por desgosto por um problema que existe na vida pessoal do cara. Tem que beber para desabafar. O alcoolista mistura as coisas, eu não sei explicar qual é o problema que mistura as coisas do começo até acabar, não sei o que se passa". (sic)

José, apesar de não ter um referencial científico, coloca em seu discurso alguns sinais encontrados na caracterização do alcoolismo de Griffith (1982: 24-29), que fundamenta a "síndrome de dependência do álcool em sete sinais ou sintomas":

- empobrecimento do repertório;
- relevância da bebida;
- aumento da tolerância do álcool;
- sintomas repetidos de abstinência;
- alívio ou esquivas dos sintomas de abstinência através de mais bebida;
- percepção subjetiva da compulsão para beber;
- reinstalação após a abstinência.

Analisaremos alguns aspectos da fala do nosso informante os quais encontram sintonia com esse referencial científico.

"É aquela pessoa que fica habituada só na bebida, que todo o controle pessoal e até mental está só na bebida... É a pessoa que não se domina, não se dedica a outra coisa. A incentivação dele tem que ser na bebida (empobrecimento do repertório, relevância da bebida)". Vou beber, se vou tomar duas cervejas, tomo vinte, não consigo parar, só paro quando mato minha vontade, até ficar bêbado. (aumento da tolerância ao álcool, percepção subjetiva da compulsão para beber). Dos sete sintomas, quatro se encontram presentes na fala de José.

Mas algo mais nos chama atenção. Quando

José coloca "cada vez que você está bebendo, você está fora de si, está dominado por alguém, este alguém que está lhe dominando eu não sei o que é, não sei se é o tal alcoolismo.", o tal do alcoolismo é visto como algo fora de José, algo impalpável que o leva a ficar fora de si. Perde a identidade e se deixa dominar por alguém que não sabe o que é, algo ou alguém que tenta concretizar, nomeando de alcoolismo. José se perde na compreensão de si mesmo, uma parte sua é conhecida, concreta, sabe em que chão pisa, mas o "outro" desconhecido de José, que flui no contato com o álcool, é-lhe ameaçador, incompreensível, e, nessa esfera do desconhecido, José o desloca para fora de si mesmo. Augras (1981: 56), dentro de uma compreensão fenomenológica de homem, aborda essa temática, abrindo caminho para uma nova compreensão "do ser" no mundo. Afirma a autora: "o que, então assegura a compreensão de si? A situação do ser no mundo é marcada pela estranheza. Nesse sentido, a compreensão do outro não descansa apenas na compreensão de si, mas se justifica a partir da situação do homem como desconhecido de si para si mesmo..." "... Eu sou para mim o contrário de mim..." Muitas das perturbações individuais poderiam ser entendidas como dificuldades de relacionar-se com a própria alteridade".

E José conclui, dizendo: "As pessoas bebem por desgosto. O alcoolista mistura as coisas, eu não sei explicar qual é o problema que mistura as coisas, do começo até acabar, não sei o que pensa". José mistura dois mundos, o conhecido e o desconhecido, e não consegue se ver e se compreender nessas duas dimensões. Alcoolizado, sua unidade se perde, e ele se percebe "misturado", incompreendido. José, talvez nesse momento, sinta dificuldade de se relacionar com toda a sua alteridade, duplicidade inerente a sua condição de ser humano. À luz dessa compreensão fenomenológica, além de levarmos em conta todas as implicações biológicas e psicossociais envolvidas no alcoolismo, não seria hora também de nos perguntarmos se o alcoolismo não poderia também ser compreendido como uma dificuldade de lidar com as contradições internas, com a própria duplicidade? É o álcool o grande mediador desse conflito que faz fluir "o outro", escondido, que é desvelado, mas não integrado à personalidade.



Luís, 53 anos, casado, aposentado, tem uma história de bebida que se iniciou aos 06 anos de idade. Há aproximadamente 18 anos, deixou de beber, e o seu caso se inclui no grupo de indivíduos que, apesar de já se encontrarem num quadro de alcoolismo avançado, deixam de beber por “remissão espontânea”, no enfrentamento de situações existenciais que tocam em alguns núcleos internos, provocando nesses indivíduos uma nova relação com a vida. Luís percebe o alcoolismo como: “É uma coisa que só depende da vontade da própria pessoa... Se ele mesmo deu vontade de praticar, esse problema é a vontade dele. É a vontade dele mesmo. O povo diz que é satanás, coisa feita, mas não é não, é a vontade dele mesmo. O cara tem uma raiva e vai beber para esquecer. Se ele pratica a bebedeira, morre e não deixa mais... Aguardente, fogo e mulher na rua, tudo já passei, por essa derrota”. Luís apreende o alcoolismo como um problema totalmente centralizado no indivíduo que bebe, abstrai toda a cultura e o ambiente socioeconômico em que encontra inserido esse indivíduo.

Essa percepção reflete toda uma ideologia individualista, na qual o indivíduo é responsabilizado por todos os males por que se vê acometido. Espelha ainda toda uma ordem de valores reforçada pelo sistema capitalista, onde os laços de troca e solidariedade são distorcidos, e o indivíduo enfrenta seus problemas e dificuldades de forma solitária e isolada. Essa concepção do alcoolismo enquanto um ato de escolha pessoal é tão marcante, que, apesar “do povo dizer que é satanás, é coisa feita”, ele não pode acreditar. Quanto à etiologia, é mais voltada para os laços determinantes psicológicos – “o cara tem uma raiva e vai beber para esquecer...” Há um baixo limiar a frustração, e o álcool é percebido como a forma encontrada pelo indivíduo de enfrentar os problemas cotidianos.

Finalizando, Luís compara: “aguardente, fogo e mulher de rua, tudo passei por essa derrota”. Igual à condição da prostituta a do alcoolista, ambos marginais, desviantes, fruto e causa de um contexto histórico que lida com tais questões de forma ambígua e profundamente estigmatizante. O bêbado e a prostituta ocupam o mesmo espaço da “rua”,

espelham alguns dos muitos desejos reprimidos e dissimulados do homem ocidental, vividos e aceitos nos rituais do carnaval, onde o espaço do dionisiaco é então culturalmente aceito e permitido.

João, 43 anos, solteiro, biscateiro – “Acho que o alcoolismo é uma coisa normal para muitos; para outros não. Para mim foi o ponto fora dos limites. Tem duas fases, uma é divertimento, outra é desmantelo na cabeça. Dá muito prejuízo ser bêbado...” João bebe há mais de 20 anos, filho de pai alcoolista, “que morreu de tanto beber” (sic). João, apelidado de Bebinho, passa quase todo o dia embriagado. Tem um discurso incoerente e alguns momentos de lucidez. Trata-se já de uma demência alcoólica. É bastante significativa a percepção de João em relação ao alcoolismo. “Para mim foi o ponto fora dos limites...” Tem duas fase: “é divertimento, é desmantelo da cabeça”. João resume assim sua história, algo que passou de todos os limites, foi além de tudo que podia ir, acarretando o “desmantelo na cabeça”, há toda uma coerência nessa associação. João consegue apreender sua desarticulação interna, o desmantelo de sua cabeça, o desmantelo em que se transformou toda a sua vida.

Iolanda, 65 anos, viúva, doméstica. Define alcoolismo como: “uma coisa feia, ruim, como uma depravação. Bebo porque tenho vontade. Tenho vontade de parar e não consigo. Já fiz tanta promessa. Quando começo a beber, não paro, porque dá alegria de beber. Aqui tem “chama” de beber, na casa dos meus filhos não bebo.” Iolanda, durante a entrevista, expressou toda uma necessidade de evidenciar sua religiosidade, afirmando já ter sido, ao longo da vida, catolicíssima, crente e missionária. Define o alcoolismo todo um juízo de valor: “Uma coisa feia, ruim, uma depravação”. Na medida em que percebe o alcoolismo como depravação, tem de si mesmo uma auto-imagem bastante negativa, percebe-se como mulher “depravada” e não consegue encontrar em si mesma recursos internos que a levem a deixar de beber. Faz promessas e busca a dimensão religiosa, com uma força fora dela, catolicíssima, crente e missionária, um caminho, uma solução para o seu alcoolismo-depravação. Outro aspecto

significativo é que, para Iolanda, os filhos também funcionam como um controle externo, algo que impõe limites. Não bebe quando está na casa dos filhos. A relação materno-filial parece ser apreendida como uma dimensão “moralizante”, “virtuosa”. Iolanda-mãe se opõe a Iolanda-mulher, que permite-se o beber, se permite a “depravação”. Implicitamente há todo um conflito esboçado na vivência dessa duplicidade de papéis.

A perda de controle é apreendida com muita clareza e a etiologia parece estar mais voltada para os aspectos socioculturais: “aqui tem chama de beber”. Percebe uma forte influência do meio na sua compulsão para beber.

Marilene, 48 anos, casada, doméstica. Para ela alcoolismo é a pessoa que bebe direto sem se controlar. Bebe porque gosta e tem prazer na vida, pela vontade de beber. Começa o dia com cachaça e não se domina, mas quem domina é a cachaça. “É difícil se controlar, o que está aviciado na cachaça não se controla, é um vício. Quando dou para beber, bebo até amanhecer, vendo até as coisas da casa para beber...” Marilene se considera católica, no entanto afirma: “o que eu gosto mesmo é de frequentar terreiro de Umbanda.” (sic) Percebe o alcoolismo como vício, e “o aviciar-se na cachaça” é caracterizado pela perda do controle. Vício e dependência são nessa fala conceitos que se entrelaçam. Não sentimos, na sua forma de conceituar vício, um valor de ordem moral, mas um hábito costumeiro de beber, que pela sua frequência e perda de controle, a levou à instalação do quadro de dependência. “É difícil de controlar... Quando começo a beber, vendo até as coisas da casa... “Nessas expressões, estão implícitos a relevância da bebida e o aumento da tolerância, sintomas apontados por Griffith (1982) como sinais de dependência alcóolica. Há, subjacente à fala de Marilene, toda uma sintonia com o saber científico.

Ademir, 31 anos, casado, ambulante, define alcoolismo como uma “doença progressiva e incurável, que mata, que mais mata no mundo, mata desmoralizando. Antes de frequentar o AA, achava que passava de pai para filho e era um vício. Mas não é, é uma doença. Achava que vinha de família,

os pais, os tios. Não é vício, é doença, como diabete. Bota cerveja na boca da criança e vai influenciando a criança, e vai, vai, até se transformar num alcoólatra. É a influência dos amigos, da família que leva uma pessoa a ser um alcoólatra.” Ademir é membro do AA (Grupo de Alcoólicos Anônimos), teve cinco internamentos por bebida e, há aproximadamente 10 anos, é abstinente. Utiliza em seu discurso toda a linguagem adquirida no Grupo de AA. No entanto, à medida que sua fala vai fluindo com mais espontaneidade, sentimos uma multiplicidade de conceituações que se misturam, se confundem e se entrelaçam. Vejamos um pouco da fala de Ademir: “Alcoolismo é uma doença progressiva e incurável... Achava que passava de pai para filho e era um vício. Não é vício, é doença, como diabete... É a influência de amigos e família que leva a pessoas a ser alcoólatra... Acho que a pessoa bebe por vício, aliás, como alcoólatra, falo em vício por força de costume... O cara que bebe não tem moral, não tem nada” Alcoolismo-doença, alcoolismo-vício, negação dos aspectos hereditários, maior relevância aos aspectos culturais. O AA, por toda dinâmica de seu funcionamento, foi o fator responsável pela recuperação de Ademir. No entanto todos os pressupostos teóricos que norteiam o trabalho do AA na percepção do Alcoolismo enquanto doença parece terem sido assimilados de forma bastante superficial. A compreensão primeira de Ademir do alcoolismo como vício tem um cunho moral: “o cara que bebe não tem moral, não tem nada...” Mas parece também está pautada no hábito, no acostumar-se: “não é vício, é doença... bota cerveja na boca da criança e vai influenciando a criança, vai, vai, até se transformar num alcoólatra. Vício vinculado ao beber costumeiro, instalando o quadro de dependência. Ademir misturou em sua fala modelos fragmentados de muitos discursos que não conseguiram encobrir a sua forma pessoal e peculiar de compreender o alcoolismo enquanto vício, modelo introjetado ao longo de todas as suas vivências, à luz talvez de sua própria história de alcoolismo.

Analisaremos agora os discursos do grupo dos não-alcoolistas, muitos dos quais lidam, em seu



cotidiano, com essa problemática presente num membro da família, num amigo próximo ou nas relações de vizinhança.

Geralda, 42 anos, casada, empregada doméstica. “O alcoolismo pode ser encosto de matéria mal que fica vagando e pegou ele. É como se fosse uma droga, encuca uma coisa e acha que só resolve se beber. É como um vício. Os amigos que bebem levam também outros ao alcoolismo. A pessoa tanto bebe com dinheiro, como sem dinheiro. O povo diz que sou médium, por isso meu marido bebe. Muita gente diz que, se eu trabalhasse no terreiro, ele parava de beber. A pessoa manifestada recebe o espírito bom, depois é que bebe... Às vezes as pessoas dizem assim: - Precisa de beber para ser homem.” Saudade e distância da família levou o marido a beber.

Maria do Carmo, 52 anos, casada, dona de “barraca”. “Para mim alcoolismo é como um espírito maligno que entra nesse povo aviciado. É um negócio feito, uma doença, porque o vício é como uma doença. Vai se habituando, quanto mais dia vai passando, aquilo vai tendo uma prioridade e aumentando a dosagem. Tenho um filho que bebe muito, pelas más companhias, colegas que começam a induzir...”

Essas informantes, ambas mulheres com história de alcoolismo na família (marido, filho), conceituam o alcoolismo como “um encosto de material que fica vagando, espírito maligno que entra nesse povo aviciado.” (sic) Diante da dificuldade de lidar com o problema, talvez o atribuir a “outrem” a causa do alcoolismo se constitua uma forma de lidar com a rejeição advinda das experiências negativas sofridas... Não é a pessoa que é repulsiva, não é a ela que passa a ser odiada, mas o espírito maligno que entrou ou nele se incorporou. Há um mecanismo de negação e desconfitualização. É tirada do indivíduo qualquer responsabilidade em relação a seus comportamentos agressivos, autodestrutivos, inadequados. Ele passa a ser vítima de uma situação, dominado por alguma coisa que transcende a sua própria vontade. No caso de Geralda, há um outro aspecto significativo. Ela atribui a si mesma o alcoolismo do marido. Está

sendo punida por não ter desenvolvido a sua mediunidade, por não estar incorporando espíritos. Esses espíritos não incorporados entram no corpo do marido levando-o ao alcoolismo. Além de atribuírem ao alcoolismo uma conceituação voltada para fatores de ordem religiosa, nossas informantes também o conceituam como vício. Maria do Carmo apreende vício e doença como um processo similar. Na sua fala, o habituar-se leva à instalação da dependência, havendo a relevância da bebida (“... aquilo vai tendo uma prioridade...”) e o aumento da tolerância (“... e aumentando a dosagem”). A conceituação de vício se insere, de forma bastante evidente, no discurso médico. Uma das nossas informantes (Geralda) caracteriza o alcoolismo do companheiro, atribuindo-o a múltiplas razões. No entanto, na medida em que o alcoolismo-encosto parece ter uma relevância maior, coloca-o como algo externo. O companheiro se torna agente de sua própria história. As alternativas encontradas se remetem a ordem do sobrenatural. A busca de outras dimensões, voltadas para religiosidade popular, são as saídas viáveis para o encontro da “cura”.

Quanto à etiologia, os determinantes socio-culturais - “ a influência de amigos ou más companhias, bebeu para se tornar homem” - e psicológicas - encuca uma coisa, só resolve se beber... saudade e distância da família” - são os mais ressaltados.

Arly, 39 anos, casada, bordadeira. “Alcoolismo é uma coisa muito feia. Acho que é muita preocupação, falta de emprego. Ou bebe mesmo porque quer. Se sabe porque quer, porque gosta, porque tem dinheiro para beber.”

Manoel, 62 anos, casado, pequeno comerciante, bebe para se divertir e se distrair, é alcoolista, porque quer, porque tem vontade. “Aquilo que uma pessoa não tem vontade de fazer, não faz não, se os outros mandam não faz não, é uma coisa que a pessoa quer”.

Nesses relatos, o alcoolismo tem uma conceituação moral - “e uma coisa muito feia” -, sendo apreendido também como algo pertinente à

vontade do indivíduo. “Bebe porque quer, porque tem vontade” é algo opcional, decorrente da livre escolha do indivíduo no uso pleno de sua liberdade. Se esse beber leva a condutas autodestrutivas, estas se devem a essa escolha primeira. O indivíduo tem uma vontade, e a vontade é apreendida como fator determinante na construção de sua história de alcoolista. A nossa informante, apesar de priorizar essa idéia, ressalta também “preocupação e falta de emprego”, fatores que se inserem na etiologia do alcoolismo entre os determinantes psicológicos e socioculturais.

Marinalva, 28 anos, solteira, doméstica. “Alcoolismo é a pessoa que bebe sem parar, não se controla diante da bebida. Que vive bebendo, que dorme e acorda já vendo a bebida na frente. Varia de problema para problema, de casa, rejeição, situação financeira, desemprego.”

Joana Francisca, 51 anos, casada, lavadeira. “O que leva uma pessoa a beber é o desespero e amigos... Muita gente se destrói, leva a loucura por causa do alcoolismo. Acho que a pessoa deve dominar o vício, não o vício dominar ninguém. Beber por vício para se embriagar, chegar em casa batendo na mulher desconfiando que ela tem outro. O alcoolismo é uma coisa tão forte, que penetra no juízo, e ele não diz coisa com coisa.”

Nos relatos, os nossos informantes apreendem o beber como perda de controle, o que acarreta uma relevância da bebida no cotidiano – “... não se controla diante da bebida... vive bebendo... dorme e acorda já vendo a bebida na frente.” Beber por vício – “acho que a pessoa deve dominar o vício, não o vício dominar a ninguém”. Nesse sentido, é apreendido como dependência que se instalou, sobre a qual o indivíduo não tem controle. Essas conceituações se aproximam do modelo médico, na medida em que apontam sintomas da síndrome de

dependência alcoólica. Com relação à etiologia, os determinantes socioculturais – situação financeira, desemprego, influência de amigos – e os psicológicos – rejeição, problemas, desespero – são os mais ressaltados. Um dos relatos salienta também as consequências do alcoolismo: agressividade, desconfiança, loucura.

Os nossos informantes, de maneira geral, revelam em seus discursos uma diversidade de conceituações. Alcoolismo como perda de controle e vício encontra-se presentes em muitos dos discursos analisados, guardando em alguns casos estreita correlação com o modelo médico. Em termos etiológicos, os determinantes socioculturais seguidos dos psicológicos são os fatores de vulnerabilidade mais ressaltados pelo grupo. Acreditamos que a compreensão e o estudo das representações sociais do fenômeno do alcoolismo nas classes populares poderão oferecer subsídios para implantação de programas de prevenção, nos quais se leve em conta o imaginário popular.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGRAS, Monique. **O Ser da compreensão**. Petrópolis : Vozes, 1981.

EDWARDS, Griffith. **O Tratamento do alcoolismo**. São Paulo, Martins Fontes : 1987.

MANSUR, Jandira. **A Questão de gênese**. São Paulo : Brasiliense, 1984.

RAMOS, Sérgio de Paulo et alii. **Alcoolismo Hoje**. 2. ed. Porto Alegre : Artes Médicas, 1990.

OLIVEIRA, Vera. **Alcoolismo: fenômeno do corpo, de alma e da cultura**. Recife, 1990. Dissertação. UFPE, 1990.

